

MUSEUS, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E POLÍTICA DE MEMÓRIA: MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA

Maria Cleci Venturini¹

Verli Petri²

Um acontecimento pode se produzir sem testemunha, sem resto, sem ruína, sem nada que possa revelar que houve um acontecimento. Neste caso, o silêncio não é nem voluntário, nem involuntário, ele é. (ROBIN, 2016, p. 85)

Apresentando o Museu do Holocausto

Não há como pensar as condições de produção do Museu do Holocausto, fundado em 2010, na cidade de Curitiba, Paraná, sem destacar o acontecimento, o testemunho e o silêncio, retomando a epígrafe com que iniciamos esse texto. De fato, no Museu e na apresentação de seus objetivos, ressoam o que Robin (2016, p. 215) nomeia de fantasia onipotente de manipular o passado, materializada em um fazer contínuo que “habita permanentemente os grandes deste mundo”, constituindo-se como uma prática de controle da grande narrativa “que vai formar consciências de maneira direta ou indireta, deixar monumentos, datas, festas, nomes, mas os mortos se rebelam [...] não se deixam facilmente esquecer ou convencer”.

Os mortos instauram rememorações/comemorações, o desejo de não esquecer. Como diz Robin (2018, p. 215) “eles habitam os vivos, deixam seu traço, sua impressão até no coração da fortaleza da memória que é uma fantasmagórica máquina de esquecimento”. Esse ‘habitar’ os vivos é, no discurso do/ sobre,³ a shoá que se materializa pelo ressoar de tantas vozes do passado, que legitimam esse espaço de memória. Trata-se de “coisas a saber” que circulam discursivamente a partir de testemunhos e de testemunhas – sujeitos protagonistas de narrativas estruturadoras do passado, fazendo sentido no presente, nos quais as vozes que ressoam no discurso do/sobre o museu a partir de quem fala/diz – (discurso *do*) - e do que é dito (discurso *sobre*) presentificam o passado, instauram e significam o presente, em função de um futuro.

Esse processo discursivo tem como horizonte de expectativa o desejo e o firme propósito de trabalhar uma realidade educativa que traga o Holocausto para a atualidade, não para lembrar o passado,

¹ Doutor em Letras, UNICENTRO/UFPR, bolsista Produtividade da Fundação Araucária/PR. Apoio para participação do evento da Capes (UFPR) e da Fundação Araucária (UNICENTRO).

² Doutora em Letras. Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM/RS. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

³ Significamos o discurso *do* como aquele discurso que emana de lugares diferentes e o *sobre* como aquele discurso em torno de um acontecimento ou sujeito, a partir de Indursky ([1999], 2019), no texto em que dá visibilidade aos sentidos instaurados pelas designações ocupação/invasão, mostrando a tensão decorrente de discursos advindos de diferentes lugares - posições sujeito - instaurando a tensão e o antagonismo, de modo que um mesmo acontecimento é designado diferentemente.

mas para que a Shoá “seja fortemente preparada para que não ocorra com sua memória o mesmo que ocorreu com a de outros eventos históricos: ora esquecido e menosprezado, ora mitificado e sacralizado, ao simbolizado ao extremo”. (REISS, 2018, p. 16). Trata-se de um dos mecanismos constitutivos das políticas de memória, em discursos que mobilizam e fazem trabalhar o que Pêcheux (2002, p. 43) define como “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina e que, no entanto, existe produzindo efeitos”.

Sobre condições de produção e políticas de memória

Para falar de condições de produção e de políticas de memória, realizamos um gesto interpretativo em direção ao Museu do Holocausto, compreendendo que é preciso pensar o museu para além dos seus estereótipos de “conservatório do patrimônio da civilização e escola das ciências e das humanidades” (POULET, 2013, p. 15), entendendo-o, sim, como um lugar no qual a resistência é uma prática social cotidiana. Nosso recorte tenta dar conta da resistência ao silenciamento, ao controle da memória e ao redirecionamento de discursos, que apagam a história, significando-a em direções contraditórias e, até, antagônicas. No museu, em tela, a contradição funciona ao mesmo tempo que o silêncio, que de um lado pode não ser voluntário, intencional e, de outro, não é involuntário, como sinaliza Robin (2016, p. 85) “ele é” e isso significa. E sendo, o silêncio dá visibilidade, de um lado, ao desejo de esquecer, de não significar os seis milhões de judeus assassinados pela Alemanha nazista na última Guerra Mundial como vítimas e, de outro lado, silencia para não referendar/reforçar o princípio do negacionismo. Para os que falam *do* Museu do Holocausto já não basta falar de números, estatísticas... é preciso falar do “um” da “uma”, de cada sujeito com sua vida em particular, com seu sonho interrompido pela violência. O testemunho constitui-se pelo falar *sobre* a vida que continuou – não sem dificuldades – instaurando no discurso *sobre* efeitos de veracidade/verdade porque os testemunhos têm origem em sujeitos com nome e com rosto, que nasceram/viveram, alguns morreram e outros ainda vivem, mas possuem/possuíram existência física e documental.

Se partirmos do princípio pecheuxtiano de que as palavras adquirem sentido de acordo com as filiações ideológicas dos sujeitos que as mobilizam, fazendo com que discursos se atravessem e permitam dizer/pensar/ destacar o Museu, situado em Curitiba, como um museu que se centra no “educar para que não se repita”, poderemos tocar no seu objetivo primordial que é, segundo Reiss (2018, p. 16), “jogar um pouco de luz sobre a obscuridade e o caos de um período histórico que transformou a humanidade”. Por reiteradas vezes Carlos Reiss, coordenador geral do Museu, assegura que foi “uma necessidade” que promoveu a criação e o funcionamento do Museu do Holocausto. Dentre as possibilidades de levantamento das condições de produção, essa nos parece merecer destaque. Houve uma demanda social, que nasce no interior de uma comunidade judaica e que se expande, dando voz para sujeitos que adotaram o Brasil como seu lugar para viver.

Tais condições de produção contaram com tantas outras, tais como a de investimento de capital financeiro, pedagógico e cultural, o que fez com que ele se constituísse, sob tais condições de produção e não outras, demarcando seu lugar como o primeiro⁴ Museu do Holocausto, no Brasil e na América Latina. Essa informação merece destaque, pois nos possibilita poder significar sua fundação como um acontecimento histórico da maior importância. Segundo Reiss (2018, p. 12), a fundação do museu “uniu os eixos memória, educação e pesquisa como uma proposta permanente sobre a Shoá”. Muito provavelmente, esse é um dos poucos, senão o único espaço museológico que se estrutura a partir de testemunhas e de testemunhos judaicos. Essas condições de produção constituem esse espaço como uma referência pedagógica na transmissão do que foi o Holocausto às gerações futuras, sendo concebido teoricamente como educativo, tendo em vista a capacidade de sustentar o trabalho formativo e o processo histórico de construção da memória da Shoá. Com isso, dá visibilidade ao caminho percorrido por ela e permite a preparação do futuro, tendo como horizonte de expectativa o passado, constituído e funcionando no presente com o objetivo de organizar a compreensão do genocídio e promovendo uma expectativa de devir.

Um recorte e uma possibilidade de análise

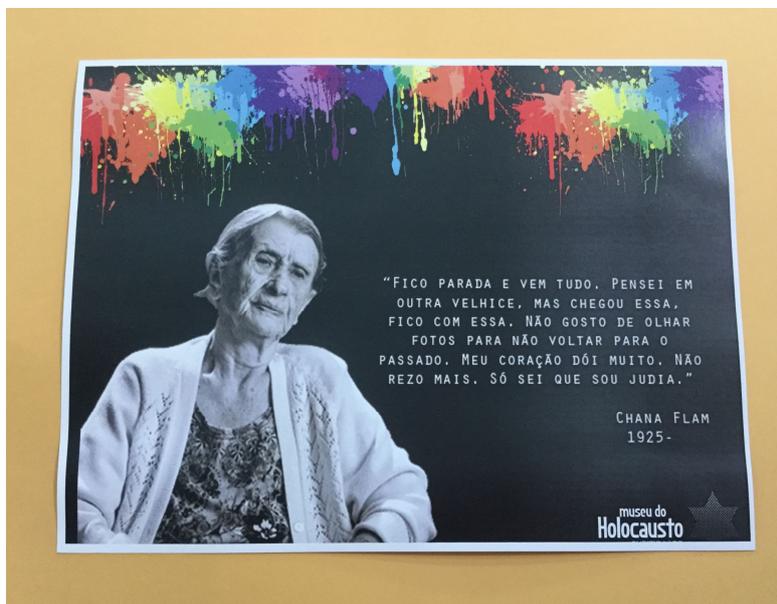
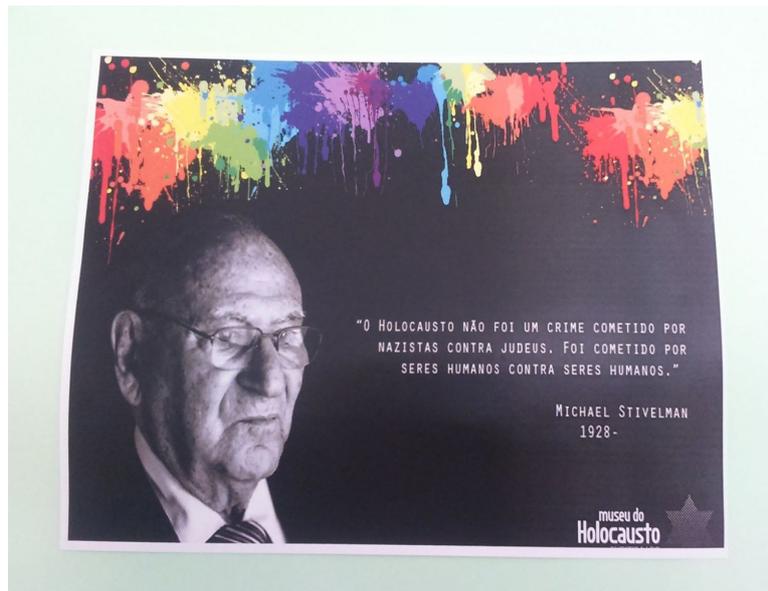
Para esse breve texto, propomos um recorte que vem de fora para dentro do Museu. Vamos trabalhar com elementos de uma Exposição itinerante “Entre Aspas”⁵, criada para viajar pelas cidades do Brasil e que esteve aberta para visitação até o dia 31 de outubro de 2019, na Sala de Exposições do Centro de Documentação e Memória, na UFSM, em Silveira Martins, RS. A mostra apresenta testemunhos de judeus sobreviventes do Holocausto que escolheram o Brasil para viver, todos bem idosos, alguns já falecidos. Conforme se pode observar pelos textos-imagem fotografados da exposição são retratos de pessoas e depoimentos entre aspas, um fundo preto que nos remete a dor do Holocausto, mas também podemos ver as cores que fazem ressoar as vidas reconstruídas para além da Alemanha nazista. Não podemos explorar muito o *corpus*, nesse momento, mas temos interesse em seguir por aqui, investigando mais sobre as condições de produção da constituição do discurso museológico, dando ênfase para esse “extra-muros”, elegendo como dispositivo de análise o testemunho e as testemunhas, mobilizando essas noções na perspectiva discursiva. A questão que nos move é: como as condições de produção incidem sobre o funcionamento desse museu em específico para que ele cumpra seu objetivo de lançar “uma luz sobre o caos” (REISS, 2018)?

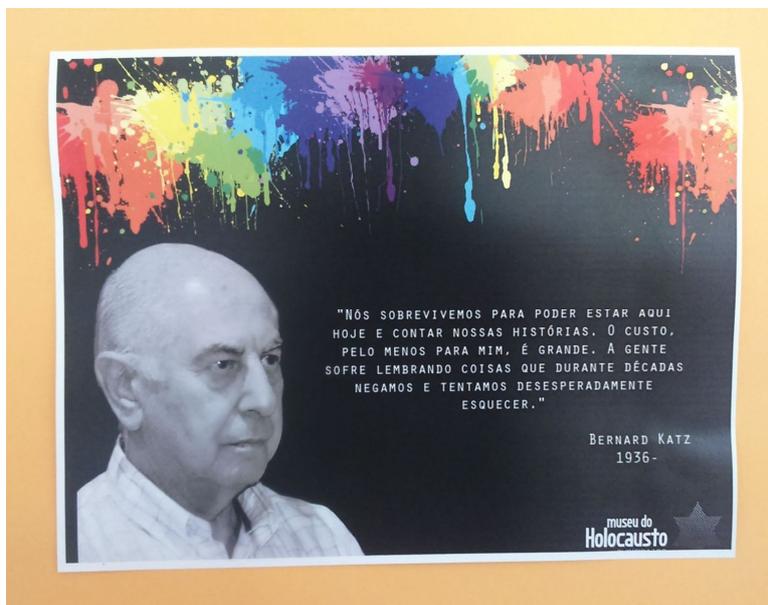
Reproduzimos a seguir alguns testemunhos com vistas a destacar histórias de vida, modos de narrar e de construir uma história que ilustre o que se passou na Alemanha em relação aos refugiados como um apelo aos educadores para que não permitam que o Holocausto “se transforme numa nota de

⁴ Há setores de museus que abordam a questão do Holocausto, há Memoriais destinados ao Holocausto, mas Museu mesmo, Carlos Reiss, em seu livro, afirma que é o primeiro. Inclusive ele destaca que tem dado consultoria para a fundação de outros museus desta natureza em países da América Latina, tais como Peru e Chile.

⁵ A exposição “Entre aspas” teve a curadoria de Carlos Reiss, a organização de Verli Petri e Elivelton Krümmel, a quem agradecemos a cedência dos registros fotográficos.

rodapé da história” (REISS, 2016, P. 84). O apelo ancora seu dizer na existência de 350 mil sobreviventes que estão dispostos a dar testemunho da vida depois de Auschwitz com o objetivo de “ser úteis no resto de suas vidas” e isso deve ser ensinado nas escolas, onde é preciso fazer ouvir as palavras dos sobreviventes, os ecos e os fantasmas do vivido e sempre lembrado.





Os quatro textos-imagem dão visibilidade a alguns dos testemunhos dos sobreviventes que falam do/sobre o Holocausto para presentificar o passado, destacando que desse passado permanece a dor e o desejo de esquecer para sofrer menos. Nos testemunhos, não ressoa o desejo de vingança, mas a necessidade de falar para que o mundo não se feche em interesses individuais, mas que o “um” se abra para o “outro” e aprenda a respeitar o diferente, a defender as minorias. Como podemos notar no primeiro depoimento destacado por nós “O Holocausto não foi um crime cometido pelos nazistas. Foi um crime cometido por serem humanos contra seres humanos” (Michael Stivelman – 1928), sinalizando para a humanidade com o que é comum entre todos os povos. O que se repete, nesse discurso a ser lido/interpretado/compreendido por meio da exposição “Entre aspas” é o desejo de esquecer e a constatação de que é preciso lembrar para que acontecimentos como esses não voltem a se repetir e para

que os sujeitos não se calem diante da violência. É preciso enfrentar a contradição, própria à constituição do sujeito, e compreender que o horror não se constrói sozinho, nem é atribuição de um ser não-humano.

Efeito de fechamento

De fato, importa dizer ainda, nesse momento, que precisamos apurar mais e melhor as diferentes condições de produção do Museu do Holocausto de Curitiba para poder sair do lugar de evidência que é o primeiro que a nós se apresentou. Estamos bastante tocadas por tudo o que conhecemos do Museu e da Exposição “Entre aspas”. Certamente, há diferentes interesses e razões de criação para museus, e elas nos demandam repensar os seus sentidos, resignificando-os não mais como lugares que guardam o já-significado, pertencente ao passado memorável, mas como arquivos em processo, que recobrem distintos domínios e buscam produzir discursos que lancem luz sobre inquietações sociais, culturais, históricas e filosóficas como práticas discursivas da atualidade.

Ao nos depararmos com o Museu do Holocausto e seus modos de funcionamento, bastante voltados para a importância de “ensinar para que não se repita”, nos damos conta de que tal espaço é fundado sob diferentes condições de produção, já que tomamos comumente como referente os Museus que tratam dessa temática - fundados no continente europeu (na Alemanha, na Polônia, etc.), por exemplo - e que esse fato incide fortemente sob as práticas sociais que dele decorrem. A Exposição “Entre aspas” nos surpreende porque é plena em vida, em vidas singulares, nos deparamos com sujeitos que têm rostos, histórias de vida, testemunhos; contrapondo com tudo o que se sabe sobre o Holocausto. Ainda estamos administrando nossas emoções, num esforço de transpor tudo isso para o nosso lugar teórico e metodológico. O que sabemos: sem dúvida, há uma preocupação com o passado, mas há, sobretudo, uma preocupação com o futuro!

REFERÊNCIAS

HERBERT, Thomas [PÊCHEUX, Michel]. Observações para uma teoria geral das ideologias. Tradução de Carolina M.R. Zuccolillo, Eni P.Orlandi e José H. Nunes. *Rua*, Campinas, n. 1, p. 63-89, 1995. Tradução de *Pour une théorie générale des idéologies*, 1968.

INDURSKY, Freda. De ocupação à invasão efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST na imprensa. INDURSKY, Freda. *O discurso do/sobre o MST: movimento social, sujeito e mídia*. Campinas/SP: Pontes Editores, 2019. P. 87-109.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Trad. de Eni P. Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p. 61-161. Trad. de: *Analyse automatique du discours*, 1969.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 3. ed. Trad. de Eni Orlandi. Campinas/SP: Pontes Editores, 2002.

POULOT, Dominique. O que é um museu? In: POULOT, Dominique. *Museu e museologia*. Trad. Guilherme J. de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 15-21.



REIS, Carlos. *Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto*. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

ROBIN, Régine. *A memória saturada*. Trad. Cristiane Dias, Greciely Costa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2016.